

O CULTO BATISTA: UMA PERSPECTIVA CIRCULAR/INTEGRADA

BAPTIST WORSHIP: A CIRCULAR/INTEGRATED PERSPECTIVE

EL CULTO BAUTISTA: UNA PERSPECTIVA CIRCULAR/INTEGRADA

RESUMO

O culto cristão acontece de forma particular ou coletiva, sendo a primeira aquela que acontece no íntimo de cada um, se mostrando menos para o exterior, enquanto a segunda acontece entre os cristãos e de maneira quase sempre pública. O presente artigo busca apresentar e analisar o culto coletivo em quatro aspectos: direção, músicas, oração e pregação, apresentando duas formas de organizar a dinâmica do culto (ordem do culto) – uma linear e não integrada, e outra circular e integrada – a partir da perspectiva da rotina executada na maioria das igrejas batistas ligadas à Convenção Batista Brasileira.

Palavras-chave: Culto; Particular; Coletivo; Batista.

¹ Bacharel em Ciência Política (UFPI), Bacharel em Sistemas de Informação (FACID), Pós-graduado em História do Cristianismo e do Pensamento Cristão (FABAT/Seminário do Sul), Bacharelando em Teologia (FABAT/Seminário do Sul). Email: gilcimar.de.2024.1@seminariodosul.com.br

INTRODUÇÃO

A adoração a Deus é o fim de todas as ações de um cristão nascido de novo. Desde as tarefas mais simples do seu dia a dia até aquelas que demandam elevado grau de concentração e erudição, só terão sentido no Reino de Deus se corresponderem ao que o Apóstolo Paulo declara em Romanos 11.36: *“Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém”*.

Esse pequeno texto busca apresentar e se aprofundar nas características fundamentais do culto coletivo, destacando a Direção, Músicas, Oração e Pregação, olhando para cada uma delas de uma outra forma, dando destaque para o papel do “dirigente”. Apresentarei duas formas de ordem do culto, comparando duas maneiras e se realizar o culto cristão nas Igrejas Batistas ligadas à Convenção Batista Brasileira (CBB).

Além disso, ele objetiva oferecer uma nova dinâmica na forma de dirigir o culto, favorecendo tanto a ação particular quanto a coletiva, presentes no culto.

1. O CULTO CRISTÃO

Essa adoração, a qual eu chamarei de culto particular, acontece, na maioria das vezes, a cada instante, no íntimo de cada pessoa, quando, sozinho com Deus, medita nas Suas palavras, O louva com hinos, quando ora em silêncio, quando resiste ao mal, quando busca forças para continuar, quando oferece o perdão a quem o ofendeu e implora por ser perdoado por Deus, quando glorifica a Deus por sua criação e por seus livramentos, quando aceita ser passado para trás ou oferece o silêncio como resposta a uma ação afrontosa, e tantas outras pequenas e discretas formas personalíssimas que cada um desenvolve na sua relação com o seu Salvador.

Esse culto silencioso e íntimo é mais difícil de ser percebido por quem está nos olhando de fora – mas não por quem vê o nosso interior (1 Samuel 16.7). Por isso, ele não é menos importante, mas, pelo contrário, ele é a expressão exata da nossa devoção verdadeira e, certamente, é no nosso íntimo que Deus busca a verdadeira adoração: “Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.” (João 4.23-24).

Indo para o próximo ponto, devo acrescentar que uma coisa não exclui a outra, isto é, o culto particular sincero e verdadeiro não exclui ou elimina a importância do culto coletivo (também sincero e verdadeiro).

1.1 O CULTO PARTICULAR

Essa adoração, a qual eu chamarei de culto particular, acontece, na maioria das vezes, a cada instante, no íntimo de cada pessoa, quando, sozinho com Deus, medita nas Suas palavras, O louva com hinos, quando ora em silêncio, quando resiste ao mal, quando busca forças para continuar, quando oferece o perdão a quem o ofendeu e implora por ser perdoado por Deus, quando glorifica a Deus por sua criação e por seus livramentos, quando aceita ser passado para trás ou oferece o silêncio como resposta a uma ação afrontosa, e tantas outras pequenas e discretas formas personalíssimas que cada um desenvolve na sua relação com o seu Salvador.

Esse culto silencioso e íntimo é mais difícil de ser percebido por quem está nos olhando de fora – mas não por quem vê o nosso interior (1 Samuel 16.7). Por isso, ele não é menos importante, mas, pelo contrário, ele é a expressão exata da nossa devoção verdadeira e, certamente, é no nosso íntimo que Deus busca a verdadeira adoração: “Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus

é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade." (João 4.23-24).

Indo para o próximo ponto, devo acrescentar que uma coisa não exclui a outra, isto é, o culto particular sincero e verdadeiro não exclui ou elimina a importância do culto coletivo (também sincero e verdadeiro).

1.2 O CULTO COLETIVO

Algumas poucas vezes, o culto a Deus se dá de maneira coletiva e exterior, acontecendo junto com os demais filhos do amor e graça de Deus, chamados para a Sua Igreja. Por ser exterior e coletiva, pode parecer que essa forma de cultuar ao Senhor acontece mais do que a realizada de maneira pessoal e interior (culto particular), no entanto, isso é uma compreensão limitada do que é cultuar a Deus. A esse outro tipo de culto, chamarei de culto coletivo. Tanto a primeira quanto a segunda maneira de cultuar a Deus são necessárias para uma vida saudável, tendo cada uma o seu papel e importância na nossa relação com Deus e na Igreja.

Penso que alguém que não realiza o seu culto particular e verdadeiro para Deus terá alguns problemas em fazê-lo coletivamente, de maneira verdadeira. Por outro lado, um culto coletivo verdadeiro poderá ajudá-lo na sua devoção particular, e o fortalecerá quando estiver sozinho. É disso que o Apóstolo Paulo fala quando afirma: "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e o Deus de toda a consolação; que nos consola em toda a nossa tribulação, para que também possamos consolar os que estiverem em alguma tribulação, com a consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus." (2 Coríntios 1.3-4).

Além disso, o mesmo Apóstolo fala sobre como se daria o culto coletivo quando diz: "Que fareis pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação." (1 Co 14.26).

Isso nos leva a crer que já nos primeiros anos da Igreja, alguma forma do culto cristão coletivo já era bem conhecida e se disseminou nos mais distantes locais. Certamente, havia o culto realizado sob o Templo e sob as sinagogas, que, deveria seguir uma dinâmica e liturgia diferentes daqueles realizados nas casas – em especial pelos constantes embates entre os cristãos e judeus –, e que deve ter ocorrido especialmente dentre os “judeus da Terra”, até que fossem definitivamente espalhados pela guerra, no ano 70 d.C., quando o general Tito destruiu o Templo judeu em Jerusalém (Pessoa e Miranda, 201?, p.146).

1.3 O CULTO NA DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CBB

A Convenção Batista Brasileira, na sua série denominada Documentos Batistas, apresenta os temas “Culto e Adoração” de maneira conjunta – como deve ser – pois não há culto se não houver adoração, e toda adoração acontece no ambiente de um culto – seja no particular ou em público. No entanto, há uma distinção que deve ser observada quanto ao culto particular e coletivo. Esse momento de adoração coletiva (na Igreja) é aquilo que o pastor Leandro B. Peixoto (SIB Goiânia), denomina de “adoração corporativa”, esclarecendo que: “O fato é que a adoração corporativa não é simplesmente fazer juntos coisas relacionadas ou com conotação de adoração como uma igreja. ADORAÇÃO É FAZER AS COISAS QUE DEUS DESEJA QUE FAÇAMOS QUANDO ESTIVERMOS REUNIDOS COMO IGREJA.” (Culto de uma Igreja Bíblica, msg. 12, 2021). Então, entendemos que a “adoração corporativa” acontece em um ambiente de adoração, feito pela igreja, e de uma forma ordenada e sem “improviso” (Peixoto, 2021). Ele define assim o termo “adoração corporativa”: “É o ato de uma congregação de louvar a Deus juntos por meio das formas e elementos ordenados e exemplificados nas Escrituras”, e lista várias coisas que os cristãos realizavam ainda no início da expansão do Evangelho:

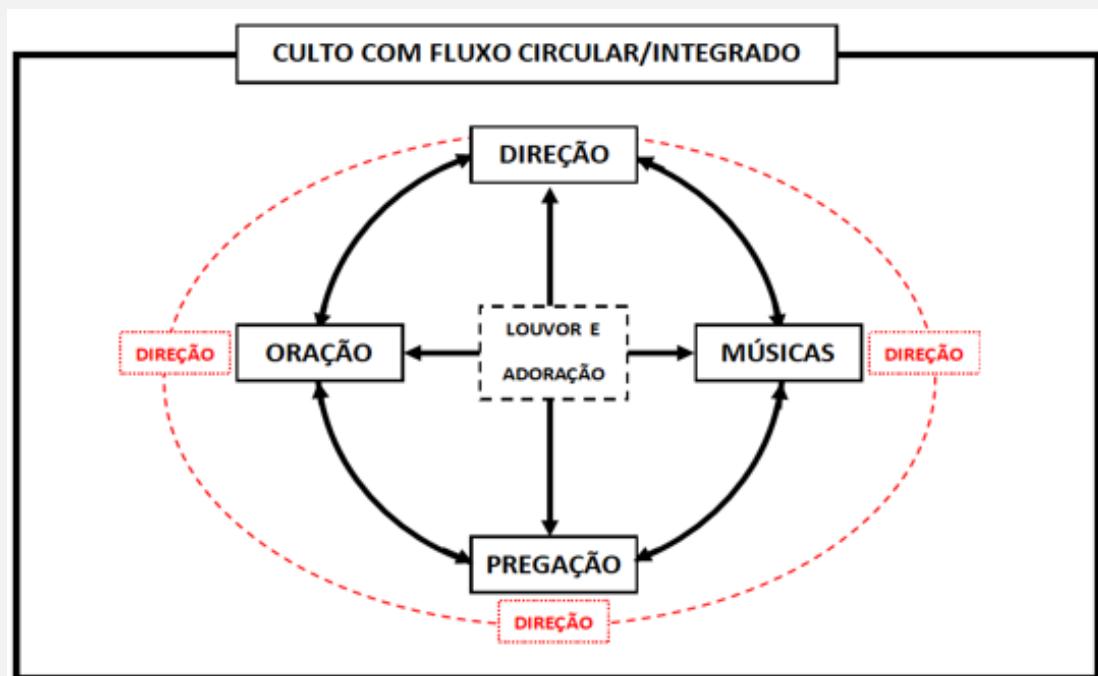
- Lendo as Escrituras publicamente (1 Tm 4.13; Cl 4.15-16);
- Ouvindo pregação e ensino (At 2.42; 1 Tm 4.13);
- Compartilhando a ceia do Senhor e celebrando o batismo (At 2.42; 1 Co 11);
- Encorajando uns aos outros e louvando a Deus com canções (Ef 5.19; Hb 10.25);
- Orando juntos (At 2.42);
- Confessando publicamente a fé juntos (1 Tm 6.12);
- Fazendo eleições (At 1.23-26; 6.5-6);
- Aplicando disciplina eclesiástica (Mt 18.17-20; 1Co 5);
- Ofertando financeiramente (Rm 15.16; 1 Co 16.1-2);
- Lendo cartas de recomendação (At 18.27; 2 Co 3.1);
- Fazendo avisos e dando saudações (Rm 15.23–16.27);
- Separando e comissionando missionários (At 13.1-3);
- Consagrando oficiais ao ministério (At 14.23);
- Ouvindo testemunhos missionários (At 14.27).

Ao observar a lista apresentada, fica claro como o culto cristão pode ser diversificado e multifacetado. Certamente, muito do que se vê nessa lista é realizado semanalmente nas mais diversas igrejas, com uma ou outra alteração, e cada atividade merece um estudo detalhado e pormenorizado para sua melhor fixação. No entanto, o presente estudo não se ocupa de todos esses temas, buscando pensar o culto batista baseado em quatro momentos, os quais serão melhor explanados, a saber: Direção, Música (Cânticos Espirituais), Oração E Pregação.

2. A ORDEM DO CULTO: LINEAR-NÃO INTEGRADA E CIRCULAR-INTEGRADA

A escolha desses quatro temas se dá em função da necessidade de esclarecer o processo interno de organização do programa do culto elaborado pela Comissão de Planejamento dos Cultos, iniciando um processo de sistematização do culto e estruturando o chamado culto batista, apresentando-o não mais com um formato linear, sequencial e não integrado, mas, ao invés, como círculos de múltiplas interações, socialmente e espiritualmente ordenadas e programaticamente interligadas.

Essa distinção apresenta duas maneiras de organizar o culto (ordem do culto), sendo uma com um formato linear-não integrado e a outra no formato circular-integrada, como será apresentado a seguir.



Observando as duas ilustrações de como a ordem do culto pode ser construída – a isso chamaremos de liturgia ou serviço religioso – percebe-se que o compartilhamento de informações prévias, que possibilita a interação circular, não está totalmente presente no primeiro modelo. Mesmo que cada momento do culto esteja bem planejado e que cada um tenha ciência das suas atribuições e tarefas, por não haver um planejamento conjunto, a partir da DIREÇÃO, bem como a troca de informações que guiarão o serviço religioso em cada momento, torna a liturgia quebrada, distante e dessincronizada. Pode haver sobreposição de informações, omissões e choques, afetando ordem do culto, podendo também interferir na ordem no culto.

A imagem da construção do Tabernáculo por Moisés (Ex 25.1-40) ou da Igreja como um “corpo, bem ajustado” (Efésios 4.1-16), reforça a certeza de que a comunicação e a orientação litúrgica são fundamentais para que o culto cumpra os seus propósitos, tanto no sentido particular de cada cristão (adoração particular), como no sentido de uma ação coletiva da igreja (adoração corporativa).

Portanto, a principal diferença entre os dois modos de ordem do culto estão no fato de que, no modelo linear/não integrado, a informação a respeito de todos os momentos do culto está somente com aqueles que serão os protagonistas dessas ações, ficando, às vezes, vazia a respeito de quem e o quê será realizado. Já no modelo circular/integrado, não só é conhecido quem fará alguma coisa durante o culto, como, previamente, essa pessoa informou a todos o que será feito. Da mesma forma, os demais compartilham as mesmas informações a respeito do quem e do quê com todos os que participarão ativamente do culto.

Apresento uma situação absurda como exemplo para reforçar a limitação do modelo linear/lógico: antes de ser publicado o Boletim Informativo com a Ordem do Culto, quem o fez se comunica com algumas pessoas que farão participações no culto, como: direção, músicas e pregação, exceto com quem vai fazer as orações, que, geralmente, não é informado

previamente. A partir dessa primeira comunicação, cada um seguirá um caminho particular na maneira como se preparará para o seu momento no culto. Nesse modelo, os “QUEM” só serão conhecidos mutuamente no momento do culto. Da mesma forma, os “O QUÊ” só serão revelados quando forem realizados durante o culto. Por isso, o risco de o dirigente não saber o que virá em seguida é muito grande. Por outro lado, a falta de comunicação impossibilita uma sincronização do corpo, (que deveria ser) bem ajustado no momento do culto, havendo o risco de não haver relação entre o que o(a) dirigente fala, e como as músicas que serão cantadas, que não se relacionarão com a mensagem que será pregada. Nessa “Babel”, quem faz as orações tenta se encaixar, por meio de improvisos ou, até mesmo, repetindo frases já conhecidas ou orações inteiras já proferidas.

No modelo circular/integrado, esse cenário catastrófico jamais será permitido, pois, a despeito de ser mais trabalhoso, o resultado final (adoração e louvor) se torna mais próximo, considerando o aspecto humano de organização e zelo pela liturgia do culto. Isso se torna possível devido à comunicação prévia entre todos aqueles que participarão do culto, dando oportunidade para que as interações sociais e espirituais entre aqueles que estarão à frente, executando a ordem do culto, se tornem o próprio culto por antecipação. Mais uma vez, é preciso lembrar de como o Tabernáculo foi feito e como a ordem de Deus para Moisés, a respeito de como a sua construção deveria ser planejada e preparada, nos inspira a construirmos um ambiente no qual Deus possa estar, a saber: dentro e no meio de nós.

Portanto, atingir a excelência no culto coletivo se tornará mais factível por meio do modelo circular/integrado, por haver interação e comunicação prévias entre todos que estarão guiando a igreja no momento do culto de louvor e adoração, sendo todos, antecipadamente, informados, orientados e preparados a fim de entenderem quais serão as suas responsabilidades no ato do culto. Para tanto, cada pessoa envolvida deverá ser dirigida para se preparar, estudando, orando e meditando em todos os

aspectos do culto, a fim de santificar sua vida e, estando com espírito de adorador, encontrar-se habilitado e apto para o momento do culto.

A partir de agora, vamos nos deter sobre os quatro pontos fundamentais do modelo de culto circular/integrado.

2.1 DIREÇÃO

O que faz o dirigente do culto? A resposta mais óbvia é: “ele dirige o culto”. Daí, vem a segunda pergunta: O que significa dirigir o culto? A resposta a essa pergunta nos levará um pouco mais longe do que geralmente se entende por dirigir um culto numa igreja batista.

Antes de tudo, vejamos o que NÃO É dirigir um culto. Dirigir um culto não é:

- Um conjunto de ações mecânicas e lógicas, mesmo que bem claras e organizadas;
- Ser mestre de cerimônia, cheio de pompa e glamour;
- Somente ler uma sequência de ações que são realizadas durante o culto;
- Simplesmente anunciar os nomes dos participantes na ordem certa e as ações que executarão durante o culto, sem entender ou criar um nexo entre elas;
- Falar coisas a respeito das quais não tem conhecimento ou nas quais não acredita.

Com isso posto, dirigir um culto deve ser entendido como uma tarefa que se inicia no momento do convite para a direção e termina no último amém, após o culto. Ela não acontece apenas no momento do culto.

Dirigir é conduzir, orientar, guiar, levar, e ordenar, aquele grupo de pessoas reunidas nas ações de louvor e adoração, por um tempo limitado.

Portanto, daquele(a) que dirigirá o culto é esperado:

- Que aceite a tarefa com bom ânimo e fé (Josué 1.6-9 e Romanos 14.23).
- Que tome ciência, antecipadamente, de toda a programação que se dará durante o culto;
- Que se comunique antecipadamente com cada um que fará parte do culto; se inteirando dos detalhes da sua participação, estudando o tema e orando por e com aquela(s) pessoa(s);
- Que revise e leia as referências bíblicas apontadas no programa do culto, meditando e orando sobre elas, buscando excelência na sua condução;
- Quando possível, realizar a memorização de toda a Ordem do Culto, evitando improvisos;
- Em espírito de oração, clamar pela direção de Deus a fim de que seja inspirado em ações e palavras;
- Que esteja atento, desde o início do culto, às situações adversas e incomuns, que possam tirar a atenção dos presentes ou desviar o foco da adoração a Deus;
- Que aja como um guia, um instrutor, um condutor do povo de Deus desde a entrada no templo até a saída;
- Que se porte com a elegância e formalidade necessárias para o ambiente e para a condução do culto, no vestir, portar-se e falar;
- Que esteja apto para lidar com situações de emergência, tanto humanas (ex.: quedas de crianças, problemas de saúde) quanto espirituais (ex.: possessão, ataques histéricos, crises de choro ou ansiedade, etc.);

- Que dirija o culto antes de o culto começar na Igreja, favorecendo a comunicação entre todos aqueles que farão parte da programação.

2. MÚSICA (CÂNTICOS ESPIRITUAIS)

Nos últimos anos, o ato de cantar na igreja foi confundido com o ato de adorar. Há casos de cantores que, antes de iniciar sua participação, se apresentam dessa forma: “Hoje não irei cantar, mas irei louvar o louvor com o título ‘Deus é maravilhoso’”. Por mais estranho que soe ao ouvido (!), tais músicos desafinaram ao não entender mais a distinção entre cantar e louvar. Portanto, antes de tudo, precisa ser esclarecida essa diferença entre cantar e louvar: Cantar significa cantar. Louvar significa glorificar, exaltar, elogiar, enaltecer, engrandecer, honrar a Deus, por meio de pensamentos, ações e palavras, inclusive musicadas (podendo até ser cantadas).

Portanto, nem toda música é um louvor, e nem todo louvor é realizado cantando. Ofertar é uma forma de louvar a Deus. Pregar é outra. Orar é outra. Perdoar é outra. Sofrer perseguição por causa de Cristo é outra forma de louvar a Deus.

Entretanto, cantar é, certamente, uma das formas mais agradáveis de louvar a Deus. A música esteve na formação do mundo, no Antigo Testamento, desde o estabelecimento da Igreja, e nos primórdios do culto cristão e estará até o final (Apocalipse 14.3).

No que diz respeito ao culto batista, daqueles que são responsáveis pelo momento de louvor com cânticos espirituais, é esperado:

- Que aceite a tarefa com bom ânimo e fé (Josué 1.6-9 e Romanos 14.23);
- Que tome ciência, antecipadamente, de toda a programação que se dará durante o culto;

- Que participe dos ensaios prévios;
- Que saiba as músicas de cor, quando possível;
- Que o planejamento musical esteja em sintonia com o contexto do culto, especialmente com a mensagem que será pregada;
- Que esteja apto para conduzir a igreja no momento de cânticos congregacionais, levando-a a louvar a Deus de maneira espiritual;
- Que se coloque sob a direção de quem foi designado para dirigir o culto;
- Que se porte com a elegância e formalidade necessárias para o ambiente e para a condução do culto, no vestir, portar-se e falar;
- Que entenda o conceito e a necessidade de submissão da arte ao senhorio de Cristo (2 Coríntios 10.5);
- Que cante para Deus, servindo a igreja.

2.3 ORAÇÃO

Certamente, esse é o mais inusitado elemento dos quatro que estão sendo analisados aqui. Há diversas perguntas que podem ser feitas, contudo, a importância da oração no culto é tão óbvia que, na verdade, muitos devem estar fazendo a seguinte pergunta agora: “Como nunca pensei sobre isso antes?” É verdade que a oração é essencial no culto e, sem ela, tanto quanto os cânticos e a pregação, fica parecendo um culto incompleto. No entanto, com uma frequência muito maior do que 99% das vezes, a pessoa que é convidada para orar o faz sem ser avisada previamente, de improviso e sem ter feito uma preparação anterior. Nesse ponto, alguém pode perguntar: “Avisado previamente apenas para orar? Se preparar antecipadamente para fazer uma oração?” Se você está se perguntando assim, então essa mensagem foi feita para você. Se não, vejamos.

Você é convidado para ser o orador da sua turma na conclusão do seu curso. Você é escolhido para falar em nome de seus colegas de trabalho com o seu patrão. Você recebe a oportunidade de falar com o vereador que representa o seu bairro em nome de toda a comunidade. O que você faz? Sim, você se prepara para falar com essas pessoas, pois naquele momento, suas palavras representarão a vontade de todos aqueles que confiaram a você tal tarefa. Português correto? OK! Roteiro de fala? OK! Se ele disser isso ou aquilo? OK! Tudo pronto, ensaiado e revisado, para não haver o menor risco das suas palavras não correspondam aos anseios daqueles que você representa e, muito menos, de você falar algo que será ignorado. Entendeu por que aquele que faz uma oração na igreja, durante oculto, deve fazê-lo com uma preparação meticulosa antecipada? Você não perderia a oportunidade que lhe foi confiada falando besteira ou dizendo coisas vãs, afinal, você é portador da voz de todos e a todos representa naquele ato.

Se isso está claro para você, então vamos ver o que se espera daquele que será o responsável por fazer a oração no culto:

- Que aceite a tarefa com bom ânimo e fé (Josué 1.6-9 e Romanos 14.23);
- Que tome ciência, antecipadamente, de toda a programação que se dará durante o culto;
- Que se coloque sob a direção de quem foi designado para dirigir o culto;
- Que medite antecipadamente a respeito do que poderá dizer em nome da igreja e como Deus receberá estas palavras;
- Que ore antes a fim de fazer a oração certa;
- Que diga apenas aquilo em que acredita, com a convicção de quem morreria pelo que está dizendo ali;

- Que esteja sob a direção do Espírito Santo, que “nos ajuda em nossa fraqueza, pois não sabemos como orar”. (Romanos 8.26-27);
- Que se porte com a elegância e formalidade necessárias para o ambiente e para a condução do culto, no vestir, portar-se e falar;
- Que esteja apto para representar a igreja diante de Deus;
- Que esteja preparado para ver o resultado da sua oração.

2.4 PREGAÇÃO

A mensagem pregada é considerada a parte mais importante do culto; afinal, nesse momento, todos terão a oportunidade de serem abençoados com a Palavra de Cristo. E isso é verdade, pois, até o momento da pregação, todos os presentes ou esperam ansiosamente pelo que haverá de ser dito ou, em alguns casos, é o momento mais tenso, pois pode ser que alguém não queira ouvir o que vai ser falado. Alguns podem não usar a expressão mais importante, o que também acho justo, afinal, tudo, no culto, é de extrema importância. De qualquer forma, na maioria dos casos, a pregação encerra o culto, trazendo graça, esperança, salvação e cura. Por isso, exige-se uma postura da parte de quem vai pregar, condizente com a importância da Palavra da qual ele é portador.

- Quanto à ordem do culto, é esperado de quem vai pregar:
- Que aceite a tarefa com bom ânimo e fé (Josué 1.6-9 e Romanos 14.23);
- Que tome ciência, antecipadamente, de toda a programação que se dará durante o culto;
- Que se coloque sob a direção de quem foi designado para dirigir o culto;

- Que esteja sob a direção do Espírito Santo, em favor de si mesmo e da igreja;
- Que se prepare com antecedência (uma vez que tenha sido avisado com previamente), compartilhando o tema da sua pregação com a direção do culto, de forma que todos possam estar em sincronia com a mensagem da noite;
- Que se porte com a elegância e formalidade necessárias para o ambiente e para a condução do culto, no vestir, portar-se e falar;
- Que acredite no que vai pregar;
- Que esteja disposto a morrer pelas palavras que irá pregar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Igreja se reúne, desde o princípio, sob a graça de Cristo e na direção do Espírito Santo, com o fim de adorar e louvar a Deus de várias formas e usando vários recursos. O zelo com a forma e conteúdo do culto, por parte daqueles que conduzem os servos de Deus, jamais poderá sofrer dissolução de continuidade. Por isso, dirigir, cantar, orar e pregar devem ser entendidos como elementos essencialmente interligados e interdependentes, a fim de tornar o culto cristão um ato de louvor e adoração real, sempre elevado à máxima potência e realizado com excelência, e não com improvisos e arranjos mal colocados.

Nesse particular, preciso deixar claro (para que não gere dúvidas e distorções do meu pensamento) que jamais, a forma deverá suplantar o conteúdo, pois, como sabemos, Deus vê o “coração” e não o exterior. Porém, nenhum ser humano aceita uma festa em sua homenagem, como um aniversário, um casamento etc., feita com restos, com coisas inferiores ou feitas de improviso – tendo a possibilidade de fazê-la da melhor forma possível. Imagine uma noiva chegar no dia do seu casamento e saber que

nada foi preparado como ela um dia sonhou? Bem, pensando dessa forma, se é possível fazer o melhor para Deus, por que fazer o pior? Se é possível usar as nossas melhores roupas, instrumentos, equipamentos, locais e um planejamento elaborado, a fim de louvar e adorar a Deus, por que fazer a pior forma possível, de improviso, com os piores equipamentos e materiais? Por que a opção pela bermuda e pelo chinelo, podendo ir de “pano passado”? Não estou falando de uma época de guerra ou catástrofe ou de uma condição financeira limitada, onde tudo é escasso e de difícil aquisição, no entanto, até a pessoa mais pobre da Terra sempre terá a sua “melhor” roupa. Não ignoro a oferta da viúva pobre em contraste com os que ofertavam do que sobrava (Marcos 12.41-44). Mas não posso fechar os olhos para quem, podendo fazer o melhor, porém, tendo sido dominado por um espírito de pobreza e miserabilidade, oferece as migalhas ao Senhor. Então, sim, o conteúdo sempre será superior à forma, porém, em épocas normais, tanto o conteúdo quanto a forma tornam-se essenciais para um culto verdadeiro, e é disso que Paulo fala em 1 Tessalonicenses 5.23: “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.”

Entender a ordem do culto como uma sequência de momentos circulares interligados e compartilhados, nos quais a comunicação ocorre entre todos os participantes, a partir da própria Direção, ao invés de uma sequência linear e não integrada - na qual os elementos do culto não se comunicam - faz do culto uma coleção de momentos agradáveis e colaborativos, visando a glória de Deus.

Começar a dirigir o culto antes que o mesmo comece formalmente é o primeiro passo para o culto acontecer de fato.

A comunicação entre todos os responsáveis por todos os momentos cria uma unidade do culto, que passa a existir como um único corpo espiritual (Igreja).

Preparar-se espiritual e intelectualmente para guiar os cristãos nos momentos de louvor e adoração é o que se espera de quem vai dirigir o culto, pois isso criará um ambiente orientado para um mesmo propósito, permitindo criar experiências genuínas durante o culto a Deus nas esferas espiritual e emocional, e não de uma maneira racional e psicológica, cujo foco são as relações sociais e culturais.

Por fim, é preciso dizer que a clareza de qualquer programa ou ordem de culto se tornará desprezível e insignificante diante do querer e agir soberano de Deus. E isso não quer dizer que as coisas mal planejadas ou nem mesmo pensadas a respeito do culto (e que não dão certo ou são mal executadas) deverão ser atribuídas a Deus, como se o Senhor fosse responsável pela nossa desorganização e falta de zelo. Isso quer dizer que, mesmo tudo estando devidamente planejado, programado e ajustado, a soberania de Deus se sobrepõe ao nosso querer, quando nada será feito como desejávamos, mas tudo acontece como o Senhor desejou. O Apóstolo Paulo tem muito a nos ensinar sobre essas coisas:

Nada façais por contenda ou por vangloria, mas com humildade cada um considere os outros superiores a si mesmo; não olhe cada um somente para o que é seu, mas cada qual também para o que é dos outros. (...) De sorte que, meus amados, do modo como sempre obedeces-tes, não como na minha presença somente, mas muito mais agora na minha ausência, efetuai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade. Fazei todas as coisas sem murmurações nem contendes; para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus imaculados no meio de uma geração corrupta e perversa, entre a qual resplandeceis como luminares no mundo, retendo a palavra da vida; para que no dia de Cristo eu tenha motivo de gloriar-me de que não foi em vão que corri nem em vão que trabalhei. (Filipenses 2,3,4 e 12-16)

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Bíblia Sagrada: versão Almeida Corrigida Fiel. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2020. 1536 p.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. Declaração Doutrinária. Disponível em: https://convancaobatista.com.br/site/pagina.php?MEN_ID=22 . Acesso em: 05 mar. 2024.

PEIXOTO, Pr. Leandro B.O. Culto de uma igreja bíblica: para quê e como deve ser o culto da igreja local? Segunda Igreja Batista em Goiânia, 28 nov. 2021. Disponível em: www.sibgoiania.org. Acesso em: 05 mar. 2024.

PESSOA, Felinto; MIRANDA, Valtair Afonso. História do Cristianismo I (Livro-texto). Rio de Janeiro: FABAT.